



## **Perfil de Henio Zytomirski: Reflexões sobre morte e memória a partir do Facebook<sup>1</sup>**

Carlos R. Coelho Filho<sup>2</sup>

Paula Sibilía<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **Resumo**

Este artigo busca efetuar uma reflexão acerca do modo como os sujeitos contemporâneos lidam com a morte e prestam homenagens aos mortos, numa sociedade globalizada e crescentemente midiaticizada, que assiste a um aumento da publicização do privado. Com esse objetivo, será analisado um perfil criado na rede social Facebook, referido a uma criança que foi vítima do Holocausto. Para contextualizar essa análise foi realizado um levantamento histórico a partir da Idade Média, na tentativa de compreender como se estabeleceram as atitudes diante da morte na cultura ocidental. E também, como a memória foi conceituada em diferentes épocas, até o desenvolvimento da atual “cultura da memória” que é disseminada pelos meios de comunicação, e quando a internet se apresenta como uma nova modalidade de memorial.

**Palavras-chaves:** intimidade; morte; memória; diário; Facebook

### **Introdução**

Entre os inúmeros perfis que compõem a rede social Facebook, existe o de um menino de sete anos de idade, chamado Henio Zytomirski, que possui mais de quatro mil “amigos”, embora essa criança tenha sido morta em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Esse perfil foi criado por um estudante de história polonês, membro de uma associação cultural da Província de Lublin denominada “Porta de Grodzca”, que busca combater o antisemitismo e manter viva a lembrança do Holocausto através da arte.

A iniciativa teve bastante repercussão, pois além de ter conquistado um grande número de “amigos”, o perfil recebe diversos comentários em seu mural. Trata-se de um perfil relativamente simples: está composto por várias fotografias distribuídas em álbuns, que ilustram a breve trajetória de vida do menino. Pode-se observar um conjunto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Estudos de Mídia do IACS-UFF. E bolsista de Iniciação Científica - CNPq, email: [carlosroberto.crc@hotmail.com](mailto:carlosroberto.crc@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, professora do Curso de Estudos de Mídia do IACS-UFF, email: [sibilía@terra.com.br](mailto:sibilía@terra.com.br)



de fotos de Henio, desde quando ele era um bebê no colo do seu pai, até uma imagem que mostra sua fisionomia na época em que foi levado para o campo de concentração.

Uma pergunta inicial disparou este artigo: seria Henio Zytomirski a Anne Frank do início do século XXI? A comparação é válida, pois essa última foi outra vítima do Holocausto que ficou mundialmente conhecida, mas há pelo menos um detalhe significativo que os diferencia. Além de ter sido relatada por ela mesma, a trajetória de vida da adolescente holandesa foi plasmada em um diário íntimo que, alguns anos após sua morte ganhou a forma de um livro. *O diário de Anne Frank* foi publicado no ano de 1947, quando o mundo pode conhecer o dia-a-dia de uma adolescente que vivia com sua família em um esconderijo da cidade de Amsterdã, na tentativa de fugir da perseguição nazista. Segundo a crítica literária Francine Prose (2010), o diário tinha a função de ser uma espécie de “amigo” para Anne, que acompanhou aquela menina ao longo de dois anos nessa difícil situação.

Durante a maior parte de sua permanência no anexo, o diário tinha sido para Anne um amigo e uma consolação. Ela o escrevia em busca de companhia, pelo prazer de escrever, como uma maneira de ajudar a preencher as longas horas em que ela e os outros eram obrigados a permanecer em silêncio e quase imóveis enquanto negócios estavam sendo realizados no escritório da Opekta no térreo. Ela escrevia para se ajudar a compreender a si mesma e as pessoas à sua volta. (PROSE, 2010, p.18)

Assim, com o objetivo de afastar a solidão (ou de preenchê-la com seus diálogos internos), o diário costumava desempenhar o papel de um confidente. O caso de Anne não foi excepcional; trata-se de uma ferramenta muito utilizada ao longo dos séculos XIX e XX, um caderno no qual se escreviam os momentos íntimos da própria vida, transformando aqueles papéis em uma espécie de interlocutor ou amigo. Desse modo, a escrita do dia-a-dia no diário acabava se tornando, também, um registro histórico de um determinado tempo e espaço. Nesse tipo de relato autobiográfico, a estrutura narrativa revela e, ao mesmo tempo, constrói a vida do autor, que é ao mesmo tempo seu narrador e seu personagem principal. Por sua vez, o leitor que depois chegasse a ter acesso a esses escritos, poderia recriar esse mundo a partir desses fragmentos da existência de outra pessoa.

O diário faz parte dos gêneros autobiográficos, um tipo de manifestação artística ou literária que não possui características muito precisas para diferenciá-los das obras de ficção, pois alguns gêneros ficcionais utilizam os mesmos códigos das



autobiografias, assim como muitos autores inserem em suas criações ficcionais momentos vividos por eles próprios. Por tal motivo, como esclarece Paula Sibilia em seu livro *O show do eu: A intimidade como espetáculo*:

A especificidade dos gêneros autobiográficos deve ser procurada fora dos textos: no mundo real, nas relações entre autores e leitores. Foi isso o que descobriu o crítico literário Phillipe Lejeune em 1975: as obras autobiográficas se diferenciam de todas as demais porque estabelecem um “pacto de leitura” que as consagra como tais. Em que consiste tal pacto? Na crença, por parte do leitor, de que coincidem as identidades do autor, do narrador e do protagonista da história que está sendo contada. Em suma: se o leitor acredita que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica (SIBILIA, 2008, p. 30).

### **A publicização do privado na contemporaneidade**

As narrativas e os relatos escritos, que até pouco tempo atrás se plasmavam de modo paradigmático em meios como os livros, os diários, as cartas e até mesmo os jornais impressos contribuindo inclusive para a enunciação do *eu* de cada autor, narrador e personagem, e também para o modo como as pessoas enxergavam suas vidas, parecem estar entrando em declínio atualmente. Isso se deve, fundamentalmente, ao crescimento da cultura audiovisual e da lógica do espetáculo, que se intensificaram com o auge da comunicação mediada por computador e com a popularização das ferramentas da chamada Web 2.0.

O pesquisador Alex Primo (2007) afirma que esses novos instrumentos fazem parte da segunda geração de serviços online. A primeira dessas gerações oferecia pouca interatividade: o usuário permanecia no papel de espectador da ação que se mostrava na página visitada, sem poder alterar seu conteúdo. Já os canais disponíveis atualmente na internet, tais como *Wikipedia* e *YouTube*, possibilitam uma maior interação entre os usuários, incluindo o compartilhamento, a publicação, a circulação e a organização das informações. Cabe notar que esse processo não se restringe apenas às técnicas informáticas, mas também se relaciona com certos aspectos mercadológicos e da comunicação mediada por computador, pois os consumidores e telespectadores que eram vistos como receptores “passivos”, agora se tornaram produtores ou “parceiros” das empresas. E, além disso, acontece uma maior cooperação na produção e circulação da informação, que passa a ser compartilhada em diversas redes sociais.



Por outro lado, ainda de acordo com Paula Sibilia, o século XXI assiste a um aumento da “publicização do privado” e de “espetacularização da intimidade”. A sociedade globalizada, atravessada e sustentada por um crescente número de aparatos midiáticos audiovisuais e interativos, desenvolveu um fascínio pela visibilidade e um crescente culto às celebridades, numa cultura na qual todos desejam se mostrar na superfície da pele e das telas. Nesse sentido, a sociedade contemporânea estimula a construção de um tipo de *eu* diferente daquele que vigorou no século XIX. Entra em declínio, então aquele sujeito *introdireto*, que cultivava sua interioridade no aconchego do espaço privado, sobretudo através da escrita de diários e cartas, e da leitura de romances, protegendo sua intimidade dos olhares alheios que imperavam no espaço público.

Em sintonia com essa perspectiva, o sociólogo David Riesman (1995) afirma que, na segunda metade do século XX ocorreu uma transformação na subjetividade: um deslocamento do caráter *introdireto* para as personalidades *alterdiretas*. Tudo aquilo que se considerava hospedado “dentro de si”, por estar ligado a um acervo interior, volta-se para “fora de si” ou para o olhar dos outros. Assim, os sujeitos contemporâneos utilizam as novas ferramentas da internet para criarem a própria personalidade, que deve se tornar visível e atraente para responder a certos estímulos bem atuais, mesmo que nesse processo se corra o risco de expor a própria intimidade. Pois, como vislumbrou o cineasta e ativista francês Guy Debord em 1967, na sociedade do espetáculo “o que aparece é bom, o que é bom aparece”, fazendo referência a um novo modo de vida em que predominam as imagens e as aparências.

Essas considerações sobre as mudanças ocorridas nas últimas décadas, que atualmente se sedimentam e cristalizam entre nós, ajudam a entender certas questões que aqui nos interessam de modo específico. Em seu livro intitulado *Anne Frank: A história do diário que comoveu o mundo*, Francine Prose conta, que o pai da menina, Otto Frank, resolveu publicar os textos escritos por sua filha durante o tempo que passaram escondidos no “anexo secreto”, para que o mundo pudesse conhecer outra face da perseguição sofrida pelos judeus na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, a primeira versão lançada na Holanda, em 1947, não continha determinadas passagens do diário original, porque o pai de Anne as considerou bastante íntimas e preferiu não torná-las públicas. Foram retirados, por exemplo, os trechos em que a menina fez certos comentários críticos sobre seus companheiros de confinamento, além de várias menções



à sexualidade e outros detalhes sobre seu próprio corpo, bem como algumas decepções a respeito do casamento de seus pais.

Assim, apesar dessa “censura” paterna que afetou as primeiras edições do livro, o mundo conheceu a vida de Anne Frank através dos relatos escritos por ela própria. Já no perfil de Henio Zytomirski que hoje existe no *Facebook*, e que rapidamente atingiu o limite máximo de “amigos” que essa rede social permite, qualquer usuário da internet pode observar — através de imagens fotográficas — certos momentos da vida do menino que foi morto aos sete anos de idade. É possível vê-lo nos braços de seu pai Moisés durante uma comemoração de seu aniversário, por exemplo, ou brincando pelas ruas da cidade de Lublin, entre outras fotos de alguns momentos compartilhados com seus familiares. Tais imagens acabam gerando certa proximidade entre os “leitores” ou “espectadores” contemporâneos com aquele garoto que morreu nos anos 1940. Esse laço afetivo não se limita apenas ao fato de que seus visitantes têm contato com momentos íntimos da vida de Henio; além disso, a maioria de seus “amigos” no *Facebook* também possuem álbuns nos quais publicam fotos semelhantes àquelas do menino morto em um campo de concentração.

Mas como foi que isso tudo começou, e por quê? O perfil foi criado pelo estudante Piotr Brozek, após receber de uma prima do menino um pacote com fotos antigas. A associação da qual ele faz parte, “Porta de Grodzca”, tem como objetivo divulgar esse tipo de histórias que compõem o drama do Holocausto, especialmente para os jovens que hoje em dia usam as redes sociais da internet e que não vivenciaram as tragédias do século passado.

Pouco antes da popularização dessas tecnologias, porém, embora já dentro de um contexto histórico no qual estava ocorrendo uma transformação da intimidade em espetáculo, no ano de 1998, o jornal *The New York Times* publicou um ensaio intitulado “Cinco páginas preciosas reacendem disputas em torno de Anne Frank”, com o seguinte subtítulo: “Uma página há muito subtraída do diário de Anne Frank revela dificuldades com sua mãe”. O artigo descreve uma Anne Frank que tinha problemas de relacionamento com a mãe, e destaca trechos do diário nos quais a menina faz algumas críticas bastante ácidas ao jeito como ela a olhava, por exemplo. Trata-se, portanto, daquilo que o pai e marido Otto Frank fez questão de esconder em meados do século passado, com o aval do editor, pois eram decisões perfeitamente compatíveis com os valores daquela época.



É sintomático e bastante eloqüente, contudo, que agora essas informações sejam divulgadas por um jornal, e que todo o “gancho” da notícia atual resida nesses detalhes intimistas que em outros tempos teriam sido considerados de menor importância, além de protegidos pelas barreiras morais do pudor e do recato. O fato de que esses segredos sejam revelados agora, e a maneira como isso ocorre, de algum modo os torna comparáveis com tantas outras notícias referidas às celebridades de todo tipo, que giram em torno de detalhes mais ou menos banais sobre suas vidas íntimas e supostamente “privadas”. Cabe acrescentar, também, que recentemente foi montada no Brasil a peça “O Diário de Anne Frank”, uma versão nacional do espetáculo teatral da Broadway inspirado no livro homônimo. A peça mostra o cotidiano dos moradores do anexo secreto, nela, também ganham destaque as encenações daqueles conflitos íntimos vividos por Anne Frank.

### **Transformações da morte no Ocidente**

A vida de muitos sujeitos, na sociedade contemporânea, está cada vez mais pautada pela exibição da intimidade na internet. E a morte, portanto, que à luz de certos valores atuais é considerada um tema tabu, não poderia deixar de estar presente nas relações sociais que se estabelecem na comunicação mediada por computadores. Algumas redes sociais, tais como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter*, estão procurando regulamentar os procedimentos a seguir em relação aos perfis dos usuários que morrem. No *Facebook*, por exemplo, é possível transformar o perfil do falecido num memorial. Assim, além de não ser mais sugerida como “amiga”, essa pessoa não pode mais ser adicionada nos perfis alheios, embora seus amigos continuem podendo visitar o perfil e deixar nele suas mensagens. Essa opção se encontra disponível após o preenchimento de um formulário online, mas é necessário anexar o atestado de óbito ou a notícia da morte do usuário em questão.

Segundo Renata Rezende (2007), as novas tecnologias auxiliam nos processos de ressignificação da morte que estão acontecendo atualmente. Graças a certa “digitalização do corpo” que elas permitem, acaba surgindo a possibilidade de interagir com um sujeito que fisicamente não existe mais, reativando sua lembrança em todos aqueles que o conheceram enquanto vivia. Talvez se trate, portanto, de um novo estágio na nossa relação com a morte; pois, como se sabe, a maneira como os homens lidam com a morte não é imutável, mas está relacionada com os diversos contextos culturais e históricos. O historiador Philippe Ariés, em seu livro intitulado *Ensaio sobre a história*



*da morte no Ocidente da Idade Média aos nossos dias*, examina justamente os modos como as atitudes diante da morte têm se transformado no decorrer dos séculos na cultura ocidental.

No início da Idade Média, por exemplo, existia uma familiaridade com a morte que, para nós, pode parecer estranha. Nesse contexto já longínquo, a morte era um acontecimento público e, além disso, havia certa resignação com relação à idéia da mortalidade humana. Ou seja, a morte era considerada algo natural para os sujeitos medievais. Portanto, quando alguém sentia que a morte estava se aproximando, todo um ritual era desenvolvido em torno do moribundo, no qual participavam os familiares, amigos e vizinhos, sem excluir as crianças, enquanto o sacerdote conduzia o cerimonial de uma forma simples e sem o caráter dramático que mais tarde adquiriu. Por isso, Ariès se refere a este primeiro tipo como *morte domada*, entendendo que se tratava de uma morte domesticada.

A primeira, ao mesmo tempo a mais antiga, a mais longa e a mais costumeira, era a resignação ao destino coletivo da espécie e resumia-se na seguinte frase: *Et moriemur*, todos morremos. A segunda, que aparece no século XII, traduz a importância reconhecida durante toda a duração dos tempos modernos, da existência individual, e pode-se traduzir com outra frase: a morte de si mesmo (ARIÈS, 2008, p. 53).

Entretanto, a partir de meados do século XVIII, ocorreu uma ressignificação da morte que, de algum modo, passou a ser desejada, exaltada e dramatizada. Nesse período, surgiu a chamada *morte romântica* sob influência do Romantismo – uma corrente filosófica e estética que, de meados do século XVIII até meados do século XIX, inspirou muitos pensamentos e criações artísticas. No século XIX, essa modalidade suscitará certo culto dos túmulos e cemitérios, exaltando a saudade provocada pela ausência do outro. A morte romântica é, principalmente, a morte do ser amado; o que não significa que a própria morte não fosse, de modo semelhante, intensamente romantizada.

Por sua vez, ainda no século XIX, o catolicismo retomou as expressões sentimentais de culto aos mortos que havia abandonado no século XVIII. Mas esse início de um ritual bastante eloquente tem a sua origem ligada à corrente filosófica e científica positivista, a igreja católica acabou se apropriando dessa forma de culto com um viés mais dramático. As fortes mudanças ocorridas na Europa a partir da segunda metade do século XIX, acompanhando a veloz intensificação da industrialização e da



urbanização, juntamente com os avanços das ciências, resultaram na cisão dos conhecimentos religiosos e científicos. Assim, a morte passou a ser tratada de uma forma mais dessacralizada: as doenças e as epidemias não seriam mais interpretadas como castigos divinos, mas como conseqüências da insalubridade, por exemplo, como processos físicos e químicos decorrentes das ações de determinados microorganismos.

Assim, com o passar dos anos, a gravidade de uma doença, bem como os inconvenientes que provocava frente aos avanços do conforto na intimidade e de um ideal de assépsia, resultaram no deslocamento do quarto do moribundo: do aconchego do lar para o hospital. Esse último, com suas técnicas e seus tratamentos derivados do saber tecnocientífico, foi impregnando e mudando os sentidos do ato de adoecer e morrer. Ainda segundo Philippe Ariès, a morte passou a ser escondida do doente nesse momento histórico, pois se considerava que ele não devia saber sobre a proximidade de seu fim, exceto em casos excepcionais, esse costume exigia que o enfermo morresse na ignorância de sua própria morte. É importante destacar que não se tratou de um hábito introduzido ingenuamente nos costumes; ao contrário, esse ocultamento foi convertido numa importante regra moral da época. Em plena sociedade industrial, portanto, a morte passou a ser escondida do enfermo e foi expulsa do lar, separado do ambiente íntimo e da família, deslocando-se para dentro do hospital.

A morte já não causa medo apenas por causa de sua negatividade absoluta, provoca náuseas como qualquer espetáculo repugnante. Torna-se inconveniente como os atos biológicos do homem, as secreções do corpo. É indecente torná-la pública. Já não se tolera deixar entrar qualquer um no quarto com cheiro de urina, suor, gangrena, ou com lençóis sujos. É preciso impedir o acesso, exceto a alguns íntimos, capazes de vencer o nojo, e aos que prestam serviços. Uma nova imagem da morte está se formando: a morte feia e escondida, e escondida por ser feia e suja (ARIÉS, 1990, p.622).

### **A encenação midiática da morte**

Em vários sentidos, essa atitude ainda vigora. Uma pesquisa realizada no ano de 1960, sobre as atitudes dos ingleses com relação à morte, delatou que apenas uma quarta parte dos *bereaved* — ou seja, aquelas pessoas que perderam um ente querido — tinham visto a morte desse parente próximo. Esse dado serve para ilustrar até que ponto, nos hospitais do século XX, a morte passou a ser algo que ocorre em solidão. Em algumas regiões mais industrializadas e urbanizadas do Ocidente, inclusive, a morte também passou a ser retirada das cidades — ou, pelo menos, dissimulada. Assim, por exemplo, a



cor do tradicional carro mortuário, que era preto ou prateado, tornou-se um carro cinza como tantos outros que pode circular banalmente pela cidade. Desse modo, a morte de um indivíduo “anônimo” não faz a sociedade parar, e o tempo transcorre velozmente nas cidades como se ninguém morresse mais.

É o que observam Elizabeth Rondelli e Micael Herschmann (2000) em seu artigo intitulado “A mídia e a construção do biográfico: O sensacionalismo da morte em cena”, ao assinalar que a maioria das mortes dos anônimos continua acontecendo em hospitais, asilos e velórios, longe dos olhares alheios. Contudo, as sociedades contemporâneas têm, cada vez mais, reconduzido a morte de alguns notórios eleitos ao “mundo dos vivos”, através de uma pomposa encenação midiática. Na última década do século XX, por exemplo, foi possível assistir pela televisão ao funeral da Princesa Diana de Gales, que acabou se transformando num fenômeno midiático em nível global: o velório foi transmitido para cerca de sessenta países, obtendo uma audiência superior à transmissão de seu próprio casamento com o Príncipe Charles. Os jornais britânicos, no período de seis meses após a morte da princesa, dedicaram 35% de espaço a temáticas relativas à falecida, sendo que eventos como a Segunda Guerra Mundial ocuparam apenas 25%.

Outra morte que repercutiu internacionalmente, mas que no Brasil em particular gerou uma grande comoção, foi a do piloto Ayrton Senna, em 1994, cujo falecimento aconteceu praticamente sob as câmeras da televisão, num domingo, durante a transmissão da corrida de Fórmula 1. O episódio ganhou as dimensões de uma grande tragédia nacional, só comparável ao “clima de orfandade” dos brasileiros que se criou com as mortes dos presidentes Tancredo Neves, em 1985, e Getúlio Vargas, em 1945. Mais de dois milhões de pessoas foram ao velório de Senna, que teve lugar na Assembleia Legislativa de São Paulo; e seu enterro, reservado à família e a certas celebridades, foi transmitido ao vivo pela televisão, recebendo as honrarias dignas de um herói nacional (RONDELLI e HERSCHMANN, 2000, p.208).

Hoje em dia, porém, além da cobertura da morte de determinados indivíduos continuar sendo feita pela televisão, jornais e revistas, a cibercultura – com suas questões ligadas à virtualidade, ao espaço simulado e às narrativas transmidiáticas – auxilia no aparecimento de novos modos de lembrar e representar o “corpo morto”. Como explica Renata Rezende, em seu artigo intitulado “Fragmentos de um corpo: As novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea”, os aparatos midiáticos interativos permitem novas vivências da morte, pois junto com eles surgem outras maneiras de enxergar, pensar e quantificar a morte. Entretanto, isso não significa

que os tradicionais cultos aos mortos desenvolvidos em nossa sociedade — como o velório e o enterro, por exemplo — estejam deixando de existir; em vez disso, está acontecendo uma imbricação dessas práticas tradicionais com as novidades proporcionadas pelo ciberespaço.

Se a morte domada — aquela que Philippe Ariès localizou no início da Idade Média — era comemorada num cerimonial público, parece que hoje está havendo certo “retorno” desse tipo de experiência da morte, que se realiza na internet e poderia ser definida como uma “morte digital”. Nesses casos, a “presença” do morto no ciberespaço promove um novo tipo de celebração: a morte dos outros passa a ser pensada e vivida através dos comentários que os visitantes deixam nos fóruns de uma determinada comunidade virtual. O sofrimento continua pautando a perda das pessoas queridas, mas dentro do espaço virtual das comunidades da internet, essa dor não se apresenta de uma maneira totalmente solitária nem discreta, como pautavam as normas modernas. Nas novas práticas, a morte é, acima de tudo, explicitada e compartilhada.

Guy Debord definiu a “sociedade do espetáculo” como “uma relação social entre pessoas mediada por imagens” (DEBORD, 1998, p.12). Nesse sentido, os comentários deixados pelos “amigos” de Henio no *Facebook*, acabam tornando a morte do menino visível: essa morte passa a ter uma existência graças ao olhar dos usuários da rede social. Como o ciberespaço permite que as mensagens sejam dirigidas a alguém que já morreu, os comentários contribuem para a atualização constante da memória daquele menino que é representado pelo perfil com suas fotos. Os comentários deixados nos álbuns do *Facebook* acabam criando um “cerimonial público”, pois, através dessas imagens, as pessoas refletem sobre os assassinatos cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, prestam homenagens ao menino Henio que sofreu os horrores da guerra precocemente, e também utilizam o espaço para deixarem suas opiniões acerca de questões atuais como os conflitos que envolvem Israel e a Palestina.

### **Perspectivas sobre o fenômeno da memória**

A memória pode ser definida como a capacidade de evocar o passado através de um acontecimento ocorrido no presente. Por exemplo, determinados cheiros ou sabores que sentimos podem fazer com que sejamos levados ao passado, então a memória, que de certa maneira estava em suspensão ou adormecida, vem à tona e se atualiza no tempo presente. Além dessa experiência individual, de acordo com Michael Pollak em seu ensaio intitulado “Memória e Identidade Social”, a partir da perspectiva de Maurice



Halbwachs, a memória pode também ser estudada como um fenômeno social, que é construído coletivamente e suscetível a determinadas transformações, mas também apresenta certos aspectos invariáveis.

Cabe mencionar que tanto a memória individual como a coletiva são constituídas por acontecimentos vividos pessoalmente e por outros “vividos por tabela”. Nesse último caso e de acordo com a definição de Pollak, trata-se daqueles acontecimentos vividos pelo grupo ao qual uma pessoa sente que pertence. Em muitos casos, portanto, ela não participou de um determinado acontecimento, mas no seu imaginário é como se tivesse participado. Nesses episódios “vividos por tabela” se enquadram os fatos ocorridos em tempos e espaços diferentes dos quais vive um indivíduo ou grupo. Através da socialização política ou histórica, surge um fenômeno que resulta na projeção ou na identificação com o algum evento do passado, de maneira bastante intensa, que pode ser considerada como uma memória quase herdada (POLLAK, 1992, p.2).

A memória também é constituída por pessoas ou personagens, e tais elementos podem ser caracterizados como os acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela. Ou seja, além dos personagens que foram conhecidos pessoalmente, há outros que são conhecidos por tabela, e que mesmo assim acabam se tornando familiares, apesar de não estarem ligadas ao mesmo tempo-espaço do indivíduo.

Há um último elemento a ser destacado, os chamados lugares da memória, que podem estar ligados a uma lembrança íntima ou podem não estar ancorado em um tempo cronológico. Na memória mais pública, que se refere aos aspectos mais públicos das pessoas, podem existir certos lugares que dão um apoio à memória de cada um, são os espaços de comemoração e celebração. Pollak (1992) cita como exemplo desse tipo de lugar os monumentos aos mortos, que podem servir de base a uma relembração tanto de um tempo em que a pessoa viveu por ela mesma como a um período vivido por tabela. Os primeiros monumentos aos mortos foram erguidos nas igrejas e nos cemitérios, a partir do século XVIII, pois a Igreja transformava determinados mortos em mártires, e também considerava como sua função homenagear e cultuar os mortos. Já o cemitério era o local no qual vivos podiam se lembrar dos mortos, concorrendo com a igreja desde que houve a separação decorrente dos processos de secularização do mundo.

Por sua vez, a pesquisadora Zilda Kessel (2003) afirma que o conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo tema dos estudos de filósofos e



cientistas há séculos, e em cada época procurou-se explicar o fenômeno da memória através do uso de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico. Na Grécia Antiga, por exemplo, a memória era compreendida de uma forma mítica: a deusa Mnemosine, mãe das musas, e protetora das artes e da história, inspirava os poetas para que eles pudessem se lembrar do passado e transmitir essas lembranças aos mortais. Nessa sociedade, o poeta possuía um papel fundamental, pois ele era visto como sendo a memória viva do seu grupo. Já os romanos consideravam que a memória era indispensável para a retórica, uma arte que se caracteriza pela capacidade de convencer e emocionar o interlocutor por meio do uso da fala. E na Idade Média surge uma memória fundamentalmente ligada às vidas dos santos. Nessa época, a igreja criou um cerimonial cronológico em torno dessa memória, pois para entender o presente, os acontecimentos e os milagres do passado deviam ser lembrados.

Após essa rápida síntese, cabe destacar que as sociedades gregas e romanas eram pautadas nos aspectos orais de transmissão das lembranças e, nesse contexto, considerava-se que os registros podiam enfraquecer o virtuoso vigor da memória. Com o surgimento de novas atividades mercantis, porém, foi necessário registrar operações, listas e outros dados, e até mesmo criar uma certa padronização. Por isso, a invenção da imprensa proporcionou que a memória fosse registrada de uma maneira mais sofisticada, tanto em textos como em imagens. Assim, a partir da invenção da imprensa com tipos móveis – e da urbanização, que promoveu imensas transformações na sociedade, no modo como os indivíduos se enxergavam e exerciam seus papéis – também ocorreram mudanças na memória individual e coletiva.

### **Uma nova modalidade de memorial**

Atualmente, costumam ser divulgadas, nos meios de comunicação, uma série de explicações provenientes das ciências físicas e biológicas para o fenômeno da memória, enfatizando sua relação com o suporte cerebral. Nesses relatos é realizada uma analogia entre memória e computador, descrevendo o cérebro como uma máquina que possui a capacidade de armazenar grandes quantidades de informação.

Tais notícias sobre o fenômeno da memória são perpetuadas em um mundo no qual há um crescente predomínio da comunicação através dos computadores, cada vez mais interconectados por meio de redes digitais de alcance global. Um cenário bastante diferente daquele que vigorava uns trinta anos atrás, quando predominavam os meios de



comunicação como o rádio e a televisão, que se caracterizam por possuírem uma única fonte que transmite informações para diversos receptores. Já a nossa realidade ainda é afetada pelas transmissões desses meios mais tradicionais e, também, pelas novas possibilidades proporcionadas pela comunicação mediada por computador.

A internet se apresenta como uma espécie de memorial, porque a “digitalização da morte” possibilita um diálogo entre os membros de uma determinada comunidade, como acontece com o perfil de Henio Zytomirski no *Facebook*. Em nossos dias, a morte acaba fazendo parte de uma realidade bastante midiaticizada, na qual o morto e o Holocausto se tornam visíveis por causa dos comentários “vivos” dos usuários do Facebook.

Além disso, segundo Andreas Huyssen (2004), na atualidade ocorre um crescimento da chamada “cultura da memória”. Desde a década de 1980, esse movimento foi favorecido por fatores políticos como o fim das ditaduras latino-americanas e do *apartheid*, a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética. No campo cultural, houve um aumento das pesquisas sobre as histórias das minorias e o surgimento de toda uma política das identidades. Assim, a indústria cultural acabou levando a memória para a esfera pública, depois da apropriação de alguns de seus aspectos. Nesse sentido, o pesquisador alemão observa que a globalização cultural promoveu a passagem do discurso da memória do Holocausto para contextos completamente diferentes tanto na América Latina, como na África e na Ásia.

Como detectou Andreas Huyssen, portanto, acontece na época contemporânea uma “musealização” do mundo, tendência segundo a qual os centros urbanos são restaurados, realizam-se levantamentos históricos sobre temas como os genocídios, e divulgam-se pedidos de desculpas de líderes políticos e religiosos por erros cometidos no passado. O jornalismo noticioso também tem atribuído destaque ao passado, e surgem novas maneiras de contar e recontar episódios históricos em livros, filmes ou documentários. Nesse sentido, a prática de rememorar um passado genocida contribuiu para o desenvolvimento de projetos destinados a promover os direitos humanos. Esses projetos também foram movidos pela percepção de que a lembrança desse passado trágico evitaria que tragédias semelhantes pudessem ocorrer novamente, algo que não tem se verificado, já que tal rememoração não evitou que acontecessem genocídios contemporâneos em países como a Bósnia e Ruanda, por exemplo.

Caberia concluir que tanto a memória pessoal quanto a cultural ou coletiva são afetadas pela emergência de uma nova estrutura de temporalidade, gerada pelo ritmo



cada vez mais veloz da vida atual, por um lado, e pela aceleração das imagens e das informações da mídia, por outro lado (HUYSSSEN, 2000, p.74). Portanto, devido as mudanças nas noções de tempo e espaço provocadas pelos avanços tecnológicos e informacionais, acabam acontecendo uma série de mudanças cognitivas no modo como percebemos as coisas — inclusive, a morte.

As noções de continuidade ou a descontinuidade histórica, por exemplo, como sentidos que estavam ligados à um antes e depois, são sucedidos agora por uma impressão de simultaneidade de todos os tempos e espaços, que seriam acessíveis pelo presente. Segundo Andreas Huyssen (2000), quanto mais memória armazenamos em banco de dados, mais o passado é sugado para a órbita do presente, como algo sempre pronto para ser acessado na tela. Contudo, com o aumento e a aceleração das inovações científicas, tecnológicas e culturais, juntamente com a instauração de uma sociedade consumista que visa o lucro, surgem diversos objetos, estilos de vida e atitudes que se tornam rapidamente efêmeros, ocorrendo um encurtamento da duração do presente. Uma certa “amnésia” caracteriza essa rápida obsolência, e esse aspecto faz surgir um paradoxo: ao mesmo tempo em que ocorre um certo processo de esquecimento, acontece a disseminação de uma cultura da museificação e um crescente interesse pelo passado.

### **Considerações finais**

As reflexões deste artigo constituem uma primeira abordagem do objeto aqui analisado, num contexto histórico e cultural no qual a comunicação mediada por computador cresce cada vez mais. Isso possibilita o surgimento de novas práticas dentro de um “ciberespaço” de alcance global, no qual as subjetividades buscam se autoconstruir por meio de diversos aparatos midiáticos, objetivando se tornarem visíveis frente aos olhares dos outros. Por isso, uma das hipóteses aqui elaboradas é que a internet se apresenta como uma nova modalidade de memorial, de acordo com os modos de vida dos sujeitos contemporâneos.

Existe, hoje, um forte desenvolvimento da tecnociência, que promete que determinadas características ligadas à finitude humana possam ser atenuadas. A partir dessa perspectiva, diferentemente da atitude que tinham os sujeitos da Idade Média, a morte passa a ser esquecida, negada e de certa maneira procura ser controlada por determinadas práticas tecnocientíficas. Ou, então, é lembrada e representada através da “virtualização” dos corpos mortos.



Nesse contexto, a criação de um perfil como o de Henio Zytomirski em uma mídia como o *Facebook* sugere que, hoje em dia, uma “musealização” do mundo, em que o passado se torna, cada vez mais, presente. Por meio dessa rede social, pessoas de diferentes países e realidades deixam mensagens, visitam o perfil e tornam-se “amigas” daquele menino morto no campo de concentração de Majdenek, que aparece congelado no tempo das fotografias daquela época e, paradoxalmente, é revivido nos meandros virtuais da atualidade.

### Referências bibliográficas

- ARIÉS, Philippe. *Morir en Occidente: Desde la Edad Media hasta nuestros días*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O homem diante da Morte, Vol. II*. (Tradução: Luiza Ribeiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- HUYSSSEN, Andreas. “Mídia e discursos da memória”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo – Volume XXVII, nº 1, janeiro/junho de 2004.
- \_\_\_\_\_. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.
- PRIMO, Alex. “O aspecto relacional das interações na Web 2.0”. Brasília: *E-Compós*, v. 9, p. 1-21, 2007 (<http://compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/iew/153/154>).
- PROSE, Francine. *Anne Frank: A história do Diário que comoveu o mundo*. (Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010.
- REZENDE, Renata. “Fragmentos de um corpo: As novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea”. In: *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos/SP, 2007 (<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf>).
- RIESMAN, David. “Alguns tipos de caráter e sociedade”. In: *A multidão solitária*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.
- RONDELLI, Elizabeth e HERSCHMANN, Micael. “A mídia e a construção do biográfico: O sensacionalismo da morte em cena”. *Tempo Social*. USP, São Paulo, 12(1): p. 201-218, maio de 2000.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- \_\_\_\_\_. e DIOGO, Lígia A.. “Vitrines da Intimidade na Internet: imagens para guardar ou para mostrar”. In: *Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 16, p. 127/3-139, 2011.
- KESSEL, Z. *Memória e memória coletiva*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2003 ([http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)).